



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

## “Choose life”: Futebol como subversão no cinema, entre *Trainspotting* e *T2*

Helcio Herbert Moreira da Silva Neto<sup>1</sup>

**Resumo:** *Trainspotting* (1996) e a sua sequência *T2* (2017) conferem ao futebol um espaço privilegiado no cinema. Dirigidos pelo cineasta inglês Danny Boyle e inspirados na série de livros do escritor escocês Irvine Welsh, ambos têm tramas que se passam em Edimburgo. A intenção deste artigo é investigar o caráter subversivo da modalidade esportiva nos dois filmes. Com o intuito de entender a prática esportiva é retratada, será discutida uma bibliografia de historiadores acerca da classe operária britânica. Embora trate de um contexto anterior ao do Reino Unido na virada para o terceiro milênio, essa perspectiva contribui para identificar a forma como o esporte está presente nas duas produções. O horizonte de pesquisa permite, assim, uma comparação entre os períodos dos dois lançamentos e a observação de suas proximidades e distanciamentos.

**Palavras-chave:** *Trainspotting*; *T2*; Futebol; História Comparada; Cinema

### "Chose life": The Football as a subversion in cinema, among *Trainspotting* and *T2*

**Abstract:** *Trainspotting* (1997) and its sequel, *T2* (2017), set football under a spotlight. Directed by the english film-maker Danny Boyle and inspired on scotland writer Irvine Welsh's serie of books, both of them has scripts that takes place in Edinburgh. This paper aims to investigate the sport's subversive dimension of the movies. In order to understand this feature, a bibliography about the brittish working class written by historians will be discussed. Although these works analyze a moment in Great Britain before the third millenium, the research will collaborate to indetify how sports are inside both productions. The paper horizon thus allows a comparison between the periods of the two launches and an observation of their proximities and distances.

**Keywords:** *Trainspotting*; *T2*; Football; Comparative History; Cinema

“Não são gols. São declarações políticas”  
(BOYLE, 2017)<sup>II</sup>

O personagem Simon Williamson, apelidado de “Sick Boy”, expressa assim a sua visão a respeito da relação entre o futebol e a política no filme *T2* (que chegou ao público brasileiro como *T2: Trainspotting*)<sup>III</sup>, de 2017 – sequência de *Trainspotting* (no Brasil, *Trainspotting: Sem Limites*)<sup>IV</sup>, que estreou duas décadas antes. Ambos, dirigidos pelo cineasta inglês Danny Boyle, são inspirados na série de livros do escritor escocês Irvine Welsh. Apesar de cerca de 20 anos separarem os seus lançamentos, há proximidades entre os longas. O destaque que o esporte recebe e a crítica ao estágio de degradação social do Reino Unido são duas dessas semelhanças. O trecho da continuação, acima mencionado, trata do jogador norte-irlandês George Best, no diálogo com outros dois personagens importantes para o enredo do segundo longa: Mark Renton e Veronika Kovach. A citação é mais um

NETO, H.H.M.S.

indício da importância da modalidade para o desenrolar doroteiro.

O objetivo deste artigo é identificar, a partir desses dois filmes, o caráter subversivo do futebol no cinema. As produções possibilitam estudos que extrapolem os aspectos cinematográficos e lancem luz sobre a vida social do país, com as suas dimensões esportiva e política. A partir de uma perspectiva histórica, serão apontados elementos que ajudam a compreender o papel que as práticas esportivas desempenharam junto à classe operária no Reino Unido. Por meio de *Trainspotting* e *T2* – com suas nuances imagéticas e seus aspectos textuais –, será possível colocar em relação o contexto dos lançamentos dos dois filmes. Isso permite uma abordagem comparada acerca da realidade britânica nessas duas passagens, nos anos 1990 e na segunda década do século XXI. A seguir, este artigo terá quatro seções. A primeira, se propõe a discutir trabalhos acadêmicos sobre esportes, propostas históricas e conteúdo audiovisual, mais especificamente a respeito das questões fílmicas. A segunda se destina a analisar a relação entre *Trainspotting* e o futebol a partir de um de seus momentos mais icônicos: a longa digressão sobre a ação britânica para saúde conhecida como “Choose life”. A terceira se debruça sobre *T2* e seu contexto, novamente através do monólogo da campanha. Na quarta parte, serão expostas as considerações finais.

### **Entrecruzamentos: História, Cinema e Futebol**

Para compreender os processos sociais retratados pelas produções e em curso durante a projeção dos longas-metragens nas salas de exibição, serão observados os próprios filmes, com as suas dimensões visuais e verbais. O cinema representa uma ampla área de pesquisa para os historiadores. Episódios marcantes do século XX, como a Guerra Fria e a chegada à Lua, despertaram o interesse de estudiosos<sup>V</sup>. Outros trabalhos acerca da relação que o conteúdo audiovisual, com a sua profunda produção de sentido, estabelece com o esporte não apenas autorizam, mas também incentivam essa proposta<sup>VI</sup>. *T2* veio a público já no terceiro milênio e *Trainspotting* é dos estertores do século anterior. Uma reflexão sobre o Tempo Presente torna acessível uma iniciativa de abordagem histórica com esse escopo. Essa proposta de estudo já se consolidou na academia e não deve mais ser recebida com ressalvas<sup>VII</sup>. Grandes historiadores dedicaram esforços para compreender acontecimentos que lhes eram contemporâneos. Dois casos merecem ser sublinhados: ao se empenhar para entender os processos em torno do jazz, Hobsbawm não se vê impedido de fazer uma história social do gênero com a proximidade temporal<sup>VIII</sup>; e, apesar de identificar as limitações de seu projeto, Bloch interpretou a derrota francesa na Segunda Guerra Mundial ainda antes do fim dos combates<sup>IX</sup>.

Para a plena compreensão da relevância do esporte, é preciso buscar referenciais teóricos que se dediquem ao contexto britânico. O caso do Reino Unido exige atenção: a intensa industrialização, a formação das cidades e, principalmente, o momento em que isso se dá são elementos que devem ser destacados. Apesar de esses processos serem muito anteriores aos contextos de *Trainspotting* e *T2*, é necessário se ater aos seus possíveis desdobramentos na virada entre os séculos XX e XXI. A perspectiva histórica de Thompson colabora para esse entendimento. Em seus trabalhos está presente um esforço para tornar perceptíveis os efeitos da emergência da sociedade capitalista na rotina da classe operária<sup>X</sup>. Em detrimento de uma ótica mais superficial, centrada em aspectos mais gerais, o autor inglês privilegia as transformações na dinâmica real dos trabalhadores. Com tal intuito, o historiador não abdica do horizonte da luta de classes<sup>XI</sup>. Em suas pesquisas, fatores que não despertavam tanto interesse passam, assim, a ter centralidade na discussão. A hierarquia na sociedade não se impõe somente na rotina fabril, mas nos hábitos além do período de

NETO, H.H.M.S.

trabalho. Os costumes dos operários, seus destinos ao fim da jornada exaustiva na fábrica, as distinções, nos mais sutis gestos, na comparação com os setores mais influentes oferecem indicativos dessas transformações: “Não são apenas mudanças na técnica de manufatura que exigem maior sincronização do trabalho e maior exatidão nas rotinas de tempo [...], mas essas mudanças como são experienciadas na sociedade capitalista industrial nascente”<sup>XII</sup>.

O tempo livre dos trabalhadores apresenta, portanto, indícios a respeito da maneira como o controle da classe operária foi levado a cabo. A investigação acerca do comportamento nesses períodos pode também demonstrar de que forma houve resistência. Thompson aponta que, com o deslocamento de uma multidão para o ambiente urbano e o emprego da força de trabalho na dinâmica industrial, as transformações têm consequências – “Estamos preocupados simultaneamente com a percepção do tempo em seu condicionamento tecnológico e com a medição do tempo como meio de exploração da mão de obra”<sup>XIII</sup>. É por isso que o autor chama atenção para as práticas esportivas: “Pela divisão de trabalho, supervisão do trabalho, multas, sinos e relógios, incentivos em dinheiro, pregações e ensino, supressão das feiras e dos esportes – formaram-se novos hábitos”<sup>XIV</sup>. Esses novos comportamentos promovem a disciplina da classe operária. Se a coerção contra os trabalhadores se expressa na imposição de normas e sanções para que fossem seguidos os ordenamentos da economia fabril no cotidiano, as formas para resistir às imposições sociais se manifestam também fora do espaço da indústria.

Essa interpretação permite afirmar que o esporte se torna também, na realidade britânica, estratégia de oposição. Quando comenta o legado de Thompson, Melo descortina todo um horizonte para pesquisa a partir da ótica do historiador. “Ainda tardaria a generalização da jornada diária capitalista: as festas e feiras eram utilizadas como forma de negativa aos intuitos de coerção; as fugas e pequenas atividades diárias de diversão, como as idas às tabernas, também”<sup>XV</sup>. Em seguida, conclui: “Os momentos de diversão eram, nesse sentido, e não obviamente de um ponto de vista estritamente institucional, uma forma de resistência”<sup>XVI</sup>. Para sintetizar: “Thompson apresenta uma fértil possibilidade de pensar os momentos de lazer a partir das lutas e tensões que se estabeleceram na sua esfera, nos instantes primordiais da configuração de uma nova classe (operária), no período inicial da Revolução Industrial”<sup>XVII</sup>. O objetivo aqui é entender o futebol como um fator que se contrapõe ao controle. A paisagem, contudo, é diferente: o porto de Leith, na Escócia sob domínio da Coroa britânica na virada para o terceiro milênio.

Com o propósito de pôr em relação os contextos históricos dos dois filmes, será empregada uma aproximação comparativa. Melo sugere que propostas desse tipo são necessárias para estudos a respeito dos esportes – “O que tentamos argumentar é que é possível que o método comparativo possa contribuir para ampliar ainda mais nosso entendimento acerca de nossos objetos de investigação e das problemáticas construídas ao seu redor”<sup>XVIII</sup>. Ao estabelecer os parâmetros de comparação, os pesquisadores possibilitam que aproximações e diferenças fiquem mais nítidas e que as pesquisas que se dedicam ao cinema e, por conseguinte, à linguagem audiovisual. O estudo a respeito da relação dos regimes autoritários do Brasil e da Espanha no século XX é um exemplo disso, uma vez que estabelece a comparação a partir de filmes sobre futebol<sup>XIX</sup>. Embora não trate de cinema, o recente trabalho acerca do comentário esportivo exemplifica essa proposta por apresentar uma alternativa para pesquisadores que pretendem acompanhar a cobertura sobre esportes, por meio da linguagem audiovisual, em perspectiva comparada<sup>XX</sup>. No caso de *Trainspotting* e *T2*, o elemento a partir do qual serão colocados em relação os dois contextos será o futebol.

Os dois recortes temporais a serem considerados são os que permeiam a série sobre um grupo de amigos da região portuária em Edimburgo escrita pelo escritor Irvine Welsh. As trajetórias de Renton, Sickboy, Francis Begbie e Daniel Spud compõem os enredos dos

NETO, H.H.M.S.

livros “Trainspotting”<sup>XXI</sup>, “Pornô”<sup>XXII</sup>, “Skagboys”<sup>XXIII</sup> e “O Artista da Faca”<sup>XXIV</sup> e serviram de inspiração para os dois longas-metragens. May ressalta que os romances reservam um espaço especial para questões sociais e que em outros livros do mesmo autor, esses elementos reaparecem<sup>XXV</sup>. O pesquisador detecta que a discussão a respeito de muitos desses tópicos emerge a partir do futebol. Há, contudo, muitas particularidades que deixam a conexão entre cinema e literatura mais complexa. Nos livros, a questão política é demarcada de forma mais incisiva.

Uma das passagens que deixa isso mais claro é o monólogo a respeito da campanha “Choose life”, no livro homônimo ao primeiro filme<sup>XXVI</sup>. Na literatura, a campanha é ironizada, durante a erosão do estado de bem-estar social. No fim do século XX, houve o aumento da circulação de drogas injetáveis e da Aids na Escócia. Voltada para a população jovem, a campanha de saúde pública “Choose life” – que, em português, significa em escolha a vida –, é subvertida pela realidade da geração de Renton. As aspirações, tramas e traições dos personagens transparecem a falta de perspectivas coletivas, pessoais e econômicas. A campanha é relevante para a compreensão dos filmes. Em *Trainspotting*, o monólogo abre o longa-metragem. A referência ao slogan de políticas sanitária reaparece em *T2*, embora não no princípio do filme. De forma enfática ou não, a dimensão visual de ambos alude ao futebol. O esporte é uma das poucas experiências coletivas dos personagens. Por evidenciar as relações do enredo ficcional com os contextos dos anos 1990 e da década de 2010, serão exatamente essas as passagens examinadas nas duas próximas seções.

### “Máquinas de lavar, carros, tocadores de CD”: *Trainspotting* e o Thatcherismo

*Trainspotting* foi lançado no Reino Unido, em 1996, e contou com um elenco de jovens atores. O autor dos livros que inspiraram a produção, Irvine Welsh, interpretou um traficante de drogas, ao passo que Ewan McGregor (Mark Renton), Johnny Lee Miller (Sick Boy), Robert Carlyle (Begbie) e Ewen Bremner (Spud) estrelaram o filme, cuja trilha sonora reuniu canções predominantemente britânicas. Apesar de “Lust for Life”, famosa na voz do cantor norte-americano Iggy Pop, ter sido a de maior repercussão, muitas das outras eram de músicos contemporâneos ao longa-metragem, que ficaram mais conhecidos entre as décadas de 1980 e 1990. O cinema auxilia na tarefa de traçar um panorama do instante em que *Trainspotting* veio a público. Lançado em 2003, o documentário *Live Forever: The Rise and Fall of Britpop*<sup>XXVII</sup>, dirigido por John Dower, capta a efervescência cultural daquele momento no Reino Unido. Bandas que ali surgiram integram a lista de artistas cujas composições aparecem no filme de Danny Boyle. O longa-metragem de ficção de Peter Cattaneo, *Ou Tudo ou Nada* (originalmente *The Full Monty*)<sup>XXVIII</sup> – que veio a público em 1997 –, retrata com bom-humor os desafios de antigos operários da Inglaterra com a desindustrialização. Os dois exemplos permitem enxergar a ambiguidade: há ao mesmo tempo o florescimento artístico e uma repulsa aos ajustes levados a cabo nas décadas anteriores.

Entre 1979 e 1990, a primeira-ministra Margaret Thatcher deu cabo a políticas econômicas e sociais com desdobramentos decisivos para a vida pública britânica. O aumento da repressão policial e a coação às atividades sindicais foram duas expressões do thatcherismo. Essas ações redefiniram o capitalismo e moldaram uma nova tendência econômica, que prega a redução do Estado, das medidas para o bem-estar social e de direitos trabalhistas. Todas as produções fílmicas citadas, portanto, estão inseridas em uma conjuntura quase imediatamente posterior à implementação neoliberal. Podem, por isso, refletir sobre as suas consequências. Ao tratar especificamente de *Trainspotting*, Goss se empenha em identificar os sintomas dessa conjuntura social no comportamento dos

NETO, H.H.M.S.

personagens<sup>XXIX</sup>. A partir de uma citação da própria Margareth Thatcher, o pesquisador sustenta que essa tendência econômica promove consequências substanciais na manifestação da subjetividade dos indivíduos, uma vez que a economia, nas palavras de Margareth Thatcher, seria apenas o método para efetuar a transformação na alma<sup>XXX</sup>. É, entretanto, fundamental para entender de que maneira se constrói a oposição a esse projeto político.

Se no período da formação da classe operária Thompson identificava em costumes fora das fábricas atos de resistência ao controle – com a taberna, inclusive, desempenhando uma determinante função agregadora<sup>XXXI</sup> –, no final do século XX, outro quadro é observado. Com a intenção de suprimir propostas coletivas e até formas de expressão pessoais, as consequências políticas do thatcherismo à primeira vista no filmesão o profundo niilismo e o alto grau de competição entre os personagens. A despeito de esses fatores serem muito perceptíveis, a intenção aqui é observar o modo como o filme propõe a subversão contra essa coerção. Nesse sentido, o esporte exerce uma função decisiva. Logo nos primeiros minutos de *Trainspotting*, são apresentados os principais personagens. Além de Renton, Sick Boy, Begbie e Spud, surge na tela Tommy McKenzie, vivido pelo ator Kevin McKidd – integrante do grupo que protagoniza o enredo, Tommy desenvolve o vício em heroína, contrai HIV e morre no primeiro filme. Seus nomes são projetados na tela durante as cenas de uma partida de futebol, em que os amigos fazem parte de um mesmo time. Embora em campo haja ofensas – algo comum em jogos amadores –, é uma rara situação em que todos socializam e vivenciam uma experiênciacoletiva (Imagem 1)<sup>XXXII</sup>.



Imagem 1 - Apresentação dos personagens principais no começo de Trainspotting

A linguagem fílmica permite arranjos audiovisuais que produzem sentido: um estudo de caráter histórico sobre a subversão no cinema precisa se concentrar nisso – principalmente se forem consideradas as implicações subjetivas dessa nova tendência socioeconômica. A maneira como são concatenados áudio e imagem requer atenção: o filme é iniciado com a cena de uma fuga da polícia quando Mark Renton, em *voice over*, inicia o monólogo que alude à campanha de saúde. Isso acontece, portanto, instantes antes das jogadas com a apresentação dos personagens. A locução atravessa as passagens com os lances de futebol e termina em um quarto, com Renton só, após injetar heroína. O princípio do monólogo realça uma clara contradição: “‘Choose life’. Escolha um trabalho. Escolha uma carreira. Escolha uma família. Escolha uma televisão fodida de grande. Escolha máquinas de lavar, carros, tocadores de CD, e abridores de lata elétricos. Escolha saúde em dia, colesterol baixo e plano dental.” Enquanto a narração prossegue, Renton e Spud tentam escapar dos policiais. O elogio ao consumo contrasta com o flagelo social da juventude sem empregos e

NETO, H.H.M.S.

sem perspectivas. A intensidade da tentativa de escapar da captura imprime o ritmo à montagem, que é mantido com as jogadas esportivas que se sucedem.

Em seguida, Renton reitera a sua inserção na conjuntura britânica – “Escolha reembolsos de hipotecas de juros fixos. Escolha uma *starter home*. Escolha seus amigos.

Escolha roupas de lazer e bagagem compatível. Escolha um conjunto de três cômodos para alugar, e uma variedade de tecidos de merda.” As referências ao mercado imobiliário podem ser entendidas a partir da precarização das políticas de habitação, em paralelo ao estímulo à nova mentalidade de consumo. O tom de ironia é o que permite a conexão entre o que é dito pelo personagem e as situações projetadas. O sarcasmo ante a visão empreendedora continua: “Escolha fazer por você mesmo e se questionar quem é você numa manhã de domingo. Escolha se sentar naquele sofá olhando vertiginosos *game shows*, esmagadores de espírito. Enchendo a porra da boca com *junk food*.” O raciocínio, inculcado na ironia à campanha de saúde pública, apresenta uma imbricação entre hábitos cotidianos, como a alimentação em lanchonetes com frituras ou o entretenimento na programação televisiva, e a visão pessoal do personagem – a maneira como a subjetividade de Renton se manifesta. A pergunta sobre a própria identidade reforça esse último ponto. Na passagem final, o personagem principal tenta antecipar a trajetória até a maturidade que o aguarda: “Escolha apodrecer no final de tudo isso, gastando-se até o fim numa casa miserável. Nada mais que um constrangimento para os egoístas, fedelhos fodidos que você gerou para lhe substituir. Escolha seu futuro. ‘Choose life’”. A noção de família é afetada pelo contexto: parece que a degradação é o destino para as futuras gerações. Quando termina o trecho, Renton abandona o tom irônico e é mais direto.

O consumo de drogas é, assim, pela primeira vez mencionado. “Mas por que eu iria querer fazer algo como isso? Eu escolhi não escolher a vida. E as razões? Não há razões [para essa escolha]. Quem precisa de razões quando tem heroína?”, sugere o protagonista. O opioide desempenha uma função primordial em *Trainspotting*, desde a fotografia, em tons pastéis que emulam a aparência da heroína, até a narrativa. Este trabalho não se propõe a delegar à juventude um papel meramente passivo. É por esse motivo que o encerramento dessa breve abertura é tão significativo. Ao fim do monólogo, surge em cena um lance de futebol. Renton se alinha, com outro três jogadores, na barreira para proteger o gol defendido por Spud. Após a cobrança de falta, a bola acerta a cabeça do protagonista. Do campo de futebol, a montagem corta para o personagem principal na cena em que, solitário, experimenta a sensação de injetar heroína. O recurso fílmico sugere que a experiência de entorpecimento aproxima a droga ilícita e o esporte. Nos dois casos, os corpos não se submetem à dinâmica produtiva imposta pela sociedade britânica, ainda sob a égide do thatcherismo. Na prática esportiva, os jovens do Leith são capazes de vivenciar uma experiência coletiva a despeito da lógica em vigor, ao passo que com a substância é possível uma intensa vertigem em detrimento da padronização e da profundidade de esperança.

As nuances pessoais, como o consumo de drogas e o interesse diante do futebol, não devem ser observadas como idiosincrasias individuais. A abordagem histórica colabora para uma compreensão mais abrangente. A subjetividade não deve ser tratada com uma aproximação essencialista. É permitido enxergar os atravessamentos das condições com que os personagens convivem nas manifestações subjetivas. Se há esforços para conter a classe operária e os costumes no tempo livre podem representar formas de reagir ao controle, é preciso notar os elementos de transgressão presentes no futebol. Praticar o esporte ou torcer pode não ser só uma afinidade pessoal com a modalidade. É possível que seja a expressão da resistência contra padrões impostos pelas mudanças socioeconômicas nos anos 1970 e 1980, contexto em que Renton e seus amigos estão inseridos. As referências às drogas não devem ser entendidas como apologia. A amalgama entre a experiência esportiva e o entorpecimento

NETO, H.H.M.S.

provocado pela ironia sublinha essa outra compreensão. *Trainspotting* termina com o rompimento entre Renton e seu grupo de amigos. Depois da trama de intrigas que envolve consumo e tráfico de drogas, violência e deslealdade, o protagonista rouba o dinheiro de seus companheiros e foge para a Holanda para abandonar a realidade decadente do Leith. O desfecho acompanha o do livro homônimo. Embora se utilize de passagens da série de livros, o roteiro de *T2* parte desse final para elaborar um enredo original para os personagens, duas décadas depois.

### “Twitter, Snapchat, Instagram e mil outras maneiras de vomitar sua bile”: *T2* e o século XXI

A continuação retrata o retorno de Renton a Edimburgo, o reencontro com a família e os antigos companheiros. *T2* demonstra, de maneira bem-humorada e agressiva, os desdobramentos da geração escocesa que foi assolada pelo desemprego, pela epidemia de Aids e pelo consumo de heroína. Goss reitera a influência das transformações que a economia no século XXI exerce no grupo de amigos<sup>XXXIII</sup>. Essas alterações se apresentam em dois sentidos<sup>XXXIV</sup>. O primeiro diz respeito à circulação de recursos e à comunicação. O segundo tem relação com a ocupação dos trabalhadores escoceses, as mudanças no perfil dos empregos e o ressentimento gerado nos setores abandonados. Desde o momento em que se dá a volta à cidade, os aflusos de estrangeiros chamam atenção. Enquanto em *Trainspotting* a globalização é um ente quase espectral, o protagonista se depara com um mundo inteiramente modificado em *T2*<sup>XXXV</sup>. “Edimburgo globalizada, ideal para turistas, à medida que sai do terminal do aeroporto. Quando Renton pergunta à recepcionista no portal da Escócia, ela relutantemente revela que é eslovena”<sup>XXXVI</sup>. Com papel relevante na produção, Veronika Kovach simboliza isso: também da Eslovênia, a namorada de Sick Boy se esforça para juntar dinheiro e retornar ao país em melhores condições.

O destino dos antigos amigos também denota mudanças sociais consideráveis na comparação com o Reino Unido em cena no outro longa-metragem de Danny Boyle: “Todos ‘perdedores’ falicamente insuficientes por terem falhado em agir de modo eficaz e seguir regras de disciplina de mercado. Renton pode ter se acomodado melhor ao sistema das relações de mercado, mas retorna à Escócia em uma morte pessoal e profissional”<sup>XXXVII</sup>. De uma maneira ou de outra, Sick Boy, Spud e Begbie expressam a frustração de não terem conseguido levar às últimas consequências todo o seu potencial. Isso se manifesta da esfera da sexualidade à conduta violenta dos personagens.

Existem algumas semelhanças com relação ao contexto político. *T2* vem à tona em um longo período de domínio conservador: entre 2010 e 2016 o primeiro-ministro foi David Cameron, em seguida, foi Theresa May a responsável por liderar o parlamento até 2019. O momento em que a sequência dirigida por Danny Boyle foi lançada é marcado por manifestações de preconceito, com o recrudescimento do autoritarismo e o enfraquecimento de valores democráticos. Goss aponta para a forma como o filme debateu Brexit – a opção por abandonar o bloco europeu foi estimulada por expressões de xenofobia e insuflada em redes digitais<sup>XXXVIII</sup>. O cinema também oferece outros registros dessa paisagem. Lançado em 2019, o documentário *The Great Hack (Privacidade Hackeada no Brasil)*<sup>XXXIX</sup>, com direção de Jehane Noujaim e Karim Amer, reúne relatos sobre o vazamento de dados do Facebook para a empresa Cambridge Analytica, responsável pela campanha para a saída da União Europeia. O filme mostra de que maneira o chauvinismo e a intolerância foram estimulados após o compartilhamento irregular de informações.

Outra ficção ilustra essa conjuntura social: *Eu, Daniel Blake* (em inglês *I, Daniel Blake*)<sup>XL</sup>, dirigido por Ken Loach, demonstra a fragilidade do sistema público de assistência

NETO, H.H.M.S.

social naquele instante na Grã-Bretanha. O drama de 2016 acompanha o protagonista, que se depara com a dificuldade de se recolocar no mercado de trabalho e de ter acesso à pensão. Há esforços recentes para compreender o impacto dessas dinâmicas virtuais nos processos históricos<sup>XLI</sup>. Tanto o preconceito, amplificado pelo engajamento digital, quanto a precarização do trabalho aparecem em *T2*. A amizade entre os personagens não é revivida na sequência, mas o ressentimento é o que faz com que o enredo se desenrole. O roubo, que terminou em traição, estabelece um marco. Vilão da sequência, Begbie deixa a prisão para se vingar de Renton. Se inconsequência e intensidade dos anos de pós-thatcherismo são a tônica da trama de *Trainspotting*, as mágoas são compartilhadas pelas figuras envolvidas na sequência. A relação com o esporte é outra e a linguagem audiovisual do filme deixa isso nítido. O início de *T2* sublinha a mudança de paradigma: Renton aparece enquanto se exercita na esteira elétrica. Em vez do ímpeto de outrora, um ambiente mais comedido. A montagem mescla *flashback*, imagens de Amsterdã e de jogos de futebol da seleção masculina de futebol da Holanda, em referência ao destino do protagonista após a sua fuga. Em vez de agente, o protagonista do filme é apenas um paciente, que assiste a partidas a distância. O exercício é interrompido porque o personagem sofre um ataque cardíaco: surgem em tela momentos da infância do protagonista, de Sick Boy, de Spud e de Begbie. A passagem nostálgica traz à tona novamente o futebol (Imagem 2)<sup>XLII</sup>.



Imagem 2 - Amigos de Renton se divertem com o futebol na infância em T2

Durante a brincadeira, são apresentados os personagens que reaparecerão no novo filme. A cena emula a abertura da produção anterior. A trilha sonora também remete a *Trainspotting*: ao fundo, soa a versão instrumental de “Perfect Day”. A faixa, composta por Lou Reed, surge na longa-metragem da década de 1990 quando Renton sofre a mais grave overdose. A associação sugere, mais uma vez, a experiência de vertigem que o esporte proporciona. Além disso, a cena reitera a importância coletiva do futebol, uma vez que é a única a mostrar os personagens em harmonia em *T2*. Os demais momentos que fazem alusão à modalidade esportiva demonstram o estado de profunda mediatização. A aparente reconciliação entre o protagonista e Sick Boy se dá no filme enquanto ambos assistem a lances de jogadores do passado. A situação, contudo, muda de figura com a profusão de outras telas: a comunicação é transformada pela emergência das redes digitais. Há outras alterações na comparação com *Trainspotting*. A relação entre o protagonista e Spud é atravessada por diversas práticas esportivas, como boxe e caminhada. A dupla convive com problemas de saúde e buscam uma rotina saudável para não terem mais complicações. Em detrimento da intensidade das disputas e da diversão com os amigos, o esporte assume feições domesticadas.

NETO, H.H.M.S.

No segundo longa-metragem, a reflexão sobre a ação de saúde “Choose life” se debruça sobre a maioria desses tópicos. Em um restaurante, Veronika questiona Renton por que Sick Boy costuma repetir a expressão “Escolha a vida”. A pergunta desperta um *flashback*, que é seguido pelo monólogo: “Choose life” foi um slogan bem-intencionado de uma campanha antidrogas dos anos 1980 e nós costumávamos acrescentar coisas a isso”. Depois da breve explicação, o protagonista se refere, indiretamente, à namorada de seu antigo amigo – “Então eu poderia dizer, por exemplo... Escolha lingerie da moda, na esperança de dar alguma vida de volta para um relacionamento morto. Escolha bolsas, escolha sapatos de salto alto, *cashmere* e seda para fazer você se sentir feliz.” O protagonista, Veronika e Sick Boy vivem um triângulo amoroso. Adiante, há referência à globalização: “Escolha um iPhone feito na China por uma mulher que pulou da janela e coloque-o no bolso da sua jaqueta Firetrap recém-saída do sul da Ásia”. A circulação de mercadorias não é a única mudança a que o século XXI assiste. Os fluxos de informação também chamam atenção: “Escolha Facebook, Twitter, Snapchat, Instagram e mil outras maneiras de vomitar sua bile sobre pessoas que você nunca vai conhecer. Escolha atualizar seu perfil, conte ao mundo o que você comeu no café da manhã e espere que alguém em algum lugar se importe.”

Duas décadas depois do rompimento com o grupo de Leith, Renton relata o envelhecimento e, novamente, demonstra estar ressentido. “Escolha ficar olhando para antigas chamadas, desesperado para acreditar que você não está tão mal como eles estão. Escolha *live-blogging* da sua primeira masturbação ao seu último suspiro, interações humanas reduzidas a nada mais do que dados.” A expressão em inglês diz respeito à atualização minuto a minuto, feita por blogueiros em plataformas digitais. O monólogo ironiza o volume de informação gerado com a tecnologia, antes mesmo que fossem divulgados os usos políticos desses dados. Mas as implicações dessas interações transcendem a política partidária e alcançam as relações interpessoais, conforme indica Renton: “Escolha dez coisas que você não conhece a respeito de celebridades que foram submetidas a cirurgia. Escolha ficar gritando sobre aborto. Escolha piadas sobre estupro, humilhação de mulheres, pornografia de revanche e uma infundável maré de depressiva misoginia.” Esse trecho alude ao noticiário sensacionalista britânico, mas é a dimensão do preconceito contra as mulheres que deve ser destacado. O personagem ironiza o machismo e a forma como as expressões de intolerância eclodiram.

O antissemitismo também ganha força: “Escolha nunca ter havido o 11 de setembro, e se aconteceu, foi culpa dos judeus. Escolha um contrato sem horas previstas e uma jornada de duas horas de trabalho. E escolha o mesmo para os seus filhos, só que pior, e talvez diga a si mesmo que eles nunca deveriam ter nascido.” O excerto cita o ataque às Torres Gêmeas, em Nova York, relevante para a geopolítica contemporânea, menciona a desinformação nas redes sociais e cita a precarização do trabalho. A heroína, que é aquecida antes de ser injetada com a seringa pelos usuários, volta à tona: “E então sente-se e sufoque a dor com uma desconhecida dose de uma desconhecida droga, feita na cozinha fodida de alguém. Escolha uma promessa não cumprida e deseje que tivesse feito tudo de forma diferente.”

A substância não aparece, em *T2*, como uma opção em contraposição às imposições sociais. Há um ar de resignação – “Escolha nunca aprender com os próprios erros. Escolha assistir à história se repetir. Escolha uma lenta reconciliação com o que você se tornou, em detrimento do que você sempre esperou, contente-se com menos e mantenha a cara de mal.” Renton reitera o tom de ressentimento: “Escolha a frustração e escolha perder os que você ama”. O monólogo termina quando o protagonista se dá conta de que ainda está diante da outra personagem; “Enquanto eles desaparecem da sua vista, um pedaço de você morre até que você possa ver que um dia no futuro, de parte a parte, eles todos terão partido e não haverá mais

NETO, H.H.M.S.

nada seu para que se reconheça como vivo ou morto. Escolha seu futuro, Veronika. ‘Choose life’”. Depois, o filme se desenrola na grande armação entre Renton e Sick Boy e com a perseguição de Begbie. Após o reencontro, os dois planejam ter acesso a um fundo de investimentos da União Europeia. *T2* retrata com bom-humor o processo de gentrificação e termina com outra grande traição: é Veronika quem escapa com os recursos angariados.

#### “Escolha o seu futuro”: considerações finais sobre o caráter subversivo do esporte

O futebol desempenha um papel subversivo nos dois filmes. É na hora do jogo que os personagens experimentam, simultaneamente, a fruição e uma vivência compartilhada. A despeito de toda a conjuntura decadente, o grupo de amigos de Renton se depara com instantes vertiginosos, comparáveis ao entorpecimento com heroína. Entretanto, existem diferenças significativas entre ambos na relação com as práticas esportivas. No monólogo de *T2*, há apenas uma breve referência ao esporte. Quase imperceptível, a alusão vem à luz enquanto Renton fala sobre assistir à história se repetir: aparece em tela uma imagem do protagonista solitário, com uniforme esportivo, em uma área descampada. Agora o personagem surge sem companhia, enquanto em *Trainspotting* o jogo era uma experiência compartilhada. O entusiasmo que as jogadas dos jovens representavam ficou no passado. Com camisa de marca multinacional o agora homem de meia idade sofre com dores no peito. (Imagem 3)<sup>XLIII</sup>.



Imagem 3 - Com uniforme da Adidas, Renton sente dores no peito em *T2*

*Trainspotting* narra a rotina de jovens sem perspectivas, mas que lidam com um cotidiano intenso. A proposta mais gregária de Renton, Sick Boy, Spud, Begbie e Tommy contrasta com a vida solitária e ressentida dos personagens em *T2*. A cisão no grupo de amigos se assemelha àquela imposta pelo horror ao Estado dos anos Margareth Thatcher. Não há proposta coletiva possível nesse horizonte e, mesmo com a sucessão de líderes de diferentes orientações no parlamento britânico, as reminiscências dessa visão são sensíveis no século XXI. O desenvolvimento da geração da região portuária de Edimburgo ajuda a entender uma das principais consequências do thatcherismo: a diluição dos laços de sociabilidade. Neste trabalho, a menção a outros filmes teve o objetivo de reforçar que o cinema oferece registros históricos relevantes. Os dois longas-metragens dos anos 1990 sinalizam que, apesar da proximidade com a gestão Thatcher, há expectativa para que alguma mudança ocorra. Se em *Live Forever* essa perspectiva se descortina para a cultura, em *Ou Tudo ou Nada* isso se manifesta pelo bom-humor no fimdo filme. Na década de 2010,

NETO, H.H.M.S.

não obstante, o cenário é menos alentador. *Eu, Daniel Blake* indica que as heranças daquele projeto são mais longevas do que se pensara e que a rede de proteção social, destruída pelo neoliberalismo, não foi recomposta. *Privacidade hackeada* sugere que o comportamento individual nas plataformas digitais tem desdobramentos decisivos para a ascensão do autoritarismo.

A subjetividade, que Goss privilegia na sua investigação<sup>XLIV</sup>, precisa ser observada sob a ótica histórica. Caso não seja adotada uma perspectiva estancada acerca dos sujeitos, os rompantes do personagem poderão ser compreendidos também como um traço do período em que *Trainspotting* foi lançado – e até certa interpretação acerca da euforia com o fim da gestão Thatcher será autorizada. Ao mesmo tempo, o ressentimento em *T2* alude às consequências do incentivo à desregulação econômica e à falência de qualquer projeto comunitário, legadas pelo thatcherismo e estimuladas pelo conservadorismo. Uma vasta bibliografia se debruça sobre a relevância dos períodos forçados horas do trabalho, inclusive com suas práticas esportivas, para a classe operária no Reino Unido. Os monólogos sobre a campanha “Choose life” nas duas produções, dirigidas por Danny Boyle, ilustram descontinuidades: enquanto no primeiro filme são sublinhados bens de consumo duráveis, no segundo a ênfase é para redes sociais.

Ambos apresentam um retrato bem delineado da dimensão política desse rompimento. Com o desmonte de sindicatos e associações que proporcionavam a organização, a forma que a oposição aos padrões estabelecidos se dá sofre uma transformação. Não obstante, se o consumo de heroína e a conduta desviante dos jovens de Edimburgo se apresentam agora como uma maneira de se contrapor à precarização do trabalho e à falta de perspectivas, o futebol se mantém como um elemento de contestação. Da resistência à subversão, a modalidade parece capaz de mobilizar e de inebriar os setores sociais mais vulneráveis. O modo como os dois filmes articulam os elementos visuais e sonoros destaca esse caráter perturbador, ao aproximar o sentimento de vertigemante a droga da excitação que advém do futebol. A relação entre audiovisual e esporte pode incentivar futuros estudos capazes de identificar, inclusive, as disputas sociais em torno do universo futebolístico, as tentativas de controle dos setores mais influentes e as estratégias para se opor a esse domínio.

## Notas:

<sup>I</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense e doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É também pesquisador do Laboratório de História do Esporte e do Lazer (Sport/UFRJ).

<sup>II</sup> Frase do personagem Sick Boy em *T2*, sequência de *Trainspotting*.

<sup>III</sup> *T2 – Trainspotting*. Dir. Danny Boyle. Londres: Film4, 2017. 1 DVD (117 min).

<sup>IV</sup> *TRAINSPOTTING – Sem Limites*. Dir. Danny Boyle. Londres: Film4, 1996. 1 DVD (93 min).

<sup>V</sup> MAYNARD; MAYNARD, 2015a; MAYNARD; MAYNARD, 2015b; VALIM, 2015.

<sup>VI</sup> NETO, 2019b; NETO, 2019a; NETO, 2020.

<sup>VII</sup> DOSSE, 2012.

<sup>VIII</sup> HOBBSAWM, 1990.

<sup>IX</sup> BLOCH, 2011.

<sup>X</sup> PALMER, 1996.

<sup>XI</sup> *Ibidem*.

<sup>XII</sup> THOMPSON, 1998, p. 289.

<sup>XIII</sup> *Ibidem*.

<sup>XIV</sup> THOMPSON, 1998, p. 297.

NETO, H.H.M.S.

- xv MELO, 2010, p. 19.  
 xvi Ibidem.  
 xvii MELO, 2010, p. 21.  
 xviii MELO, 2007, p. 33.  
 xix SANT'ANA, 2013.  
 xx NETO, 2019c.  
 xxi WELSH, 2004.  
 xxii WELSH, 2006.  
 xxiii WELSH, 2014.  
 xxiv WELSH, 2018.  
 xxv MAY, 2016.  
 xxvi WELSH, 2004, p. 200.  
 xxvii LIVE Forever: The Rise and Fall of the Britpop. Dir. John Dower. Londres: BBC, 2003. 1 DVD (82min.).  
 xxviii OU Tudo ou nada. Dir. Peter Cattaneo. Londres: Film4 Productions, 1997. 1 DVD (92 min.).  
 xxix GOSS, 2020.  
 xxx GOSS, 2020, p. 3.  
 xxxi MELO, 2010.  
 xxxii Captura de tela da cena inicial de *Trainspotting*.  
 xxxiii GOSS, 2020.  
 xxxiv Ibidem.  
 xxxv GOSS, 2020, p. 14.  
 xxxvi Ibidem.  
 xxxvii GOSS, 2020, p. 17.  
 xxxviii GOSS, 2020, p. 18.  
 xxxix PRIVACIDADE Hackeada. Dir. Jehane Noujaim e Karim Amer. Nova York: Netflix, 2019. Streaming (113 min.).  
 xl EU, Daniel Blake. Dir. Ken Loach. Londres: Imovision, 2016. Streaming (100 min.).  
 xli SHIRKY, 2011.  
 xlii Captura de tela da lembrança do personagem Mark Renton no princípio de *T2*.  
 xliiii Captura de tela do monólogo Choose life em *T2*.  
 xliv GOSS, 2020.

### Referências Bibliográficas:

- BLOCH, Marc. **A Estranha Derrota**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011
- DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Revista Tempo e Argumento**, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 05 - 22, jun. 2012.
- GOSS, Brian Michael. Neoliberal-Spotting: Reading the Socioeconomic Symptoms of Trainspotting (1996) and T2: Trainspotting (2017). **Journal of Communication Inquiry**, Iowa, p. 1 - 19, 2020.
- HOBBSAWM, E. **História Social do Jazz**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.
- MAY, Anthony. The relationship between football and literature in the novels of Irvine Welsh. **Soccer & Society**, Abingdon, v 19 (7), p. 1 – 20, 2018.
- MAYNARD, Andreza, MAYNARD, Dilton. A guerra entre Mundos. Não estamos sozinhos! In: LAPSKY, Igor, LEÃO, Karl S., SILVA, Francisco T.(Orgs.). **O cinema vai à guerra**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. p.211-229
- MAYNARD, Andreza, MAYNARD, Dilton. A guerra entre Mundos. Não estamos sozinhos! In: LAPSKY, Igor, LEÃO, Karl S., SILVA, Francisco T. (Orgs.). **O cinema vai à guerra**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. p. 211-229.
- MELO, Victor Andrade de. Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 5-26, 2010.

NETO, H.H.M.S.

MELO, Victor Andrade de. Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 11-41, set./dez, 2007.

NETO, Helcio Herbert. Mittel, Foucault e Nietzsche – Cultura, Genealogia e História. **Revista Aproximação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 19-36, 2020.

NETO, Helcio Herbert. Neymar Challenge: Mesas Redondas Esportivas na TV sob Desafio. **Revista GEMInIS**, São Carlos (UFSCar), v. 10, n. 3, pp. 55-76, 2019.

NETO, Helcio Herbert. **Programas esportivos de mesa redonda: a questão da autoridade em pauta no gênero televisivo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

NETO, Helcio Herbert. Tanto a comentar: método comparado e os comentaristas esportivos no Brasil. In: XIII Simpósio de História Comparada. **Anais...** Rio de Janeiro, 2019, p. 106 – 123.

PALMER, Bryan D. **Edward Palmer Thompson – Objeções e Oposições**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SANT’ANA, Luiz Carlos Ribeiro de. **O Futebol nas telas: um estudo sobre as relações entre filmes que tematizaram o futebol, duas ditaduras e promessas de modernidade, no Brasil e na Espanha – 1964/1975**. Tese (Doutorado em História Comparada). Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SHIRKY, Clay. The political power of social media. **Foreign Affairs**, v.90, January-February, 2011, 28-42.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VALIM, Alexandre. Cinema e Guerra Fria: entre Hollywood e Moscou. In: LAPSKY, Igor, LEÃO, Karl S., SILVA, Francisco T.(Orgs.). **O cinema vai à guerra**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.p.179-194.

### **Livros consultados**

WELSH, Irvine. **O Artista da Faca**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2018.

WELSH, Irvine. **Pornô**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

WELSH, Irvine. **Skagboys**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.

WELSH, Irvine. **Trainspotting**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.

### **Filmografia**

**EU, Daniel Blake**. Dir. Ken Loach. Londres: Imovision, 2016. Streaming (100 min.).

**LIVE Forever: The Rise and Fall of the Britpop**. Dir. John Dower. Londres: BBC, 2003.

NETO, H.H.M.S.

1 DVD (82 min.).

**OU Tudo ou nada.** Dir. Peter Cattaneo. Londres: Film4 Productions, 1997. 1 DVD (92 min.).

**PRIVACIDADE Hackeada.** Dir. Jehane Noujaim e Karim Amer. Nova York: Netflix, 2019. Streaming (113 min.).

**T2 – Trainspotting.** Dir. Danny Boyle. Londres: Film4, 2017. 1 DVD (117 min.).

**TRAINSPOTTING – Sem Limites.** Dir. Danny Boyle. Londres: Film4, 1996. 1 DVD(93 min).

SANT'ANA, Luiz Carlos Ribeiro de. **O Futebol nas telas: um estudo sobre as relações entre filmes que tematizaram o futebol, duas ditaduras e promessas de modernidade, no Brasil e na Espanha – 1964/1975.** Tese (Doutorado em História Comparada). Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SHIRKY, Clay. The political power of social media. **Foreign Affairs**, v.90, January-February, 2011, 28-42.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VALIM, Alexandre. Cinema e Guerra Fria: entre Hollywood e Moscou. In: LAPSKY, Igor, LEÃO, Karl S., SILVA, Francisco T.(Orgs.). **O cinema vai à guerra.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.p.179-194.

### **Livros consultados**

WELSH, Irvine. **O Artista da Faca.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2018.

WELSH, Irvine. **Pornô.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.

WELSH, Irvine. **Skagboys.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2014.

WELSH, Irvine. **Trainspotting.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.

### **Filmografia**

**EU, Daniel Blake.** Dir. Ken Loach. Londres: Imovision, 2016. Streaming (100 min.).

**LIVE Forever: The Rise and Fall of the Britpop.** Dir. John Dower. Londres: BBC, 2003. 1 DVD (82 min.).

**OU Tudo ou nada.** Dir. Peter Cattaneo. Londres: Film4 Productions, 1997. 1 DVD (92 min.).

**PRIVACIDADE Hackeada.** Dir. Jehane Noujaim e Karim Amer. Nova York: Netflix,

“CHOOSE LIFE”: FUTEBOL COMO SUBVERSÃO NO CINEMA, ENTRE TRAINSPOTTING E  
T2

NETO, H.H.M.S.

2019. Streaming (113 min.).

**T2 – Trainspotting.** Dir. Danny Boyle. Londres: Film4, 2017. 1 DVD (117 min).

**TRAINSPOTTING – Sem Limites.** Dir. Danny Boyle. Londres: Film4, 1996. 1 DVD(93 min).